

QUEM TEM Medo DE ITALIA FAUSTA
Autora: Miguel Magno e Ricardo Almeida



ROTEIRO

CENA 1

Palco escuro, luz no objeto A. Penumbra, no fundo as duas atrizes imóveis.

Trilha sonora (efeitos especiais)

Voz em Play back: No começo era o caos, era o espaço aberto, a extensão ilimitada, o abismo sem fundo. De repente surgiu a primeira realidade sólida limitando-o e nele instalou-se o chão. O palco da maravilha e miséria da vida.

Atrizes 1 e 2 - Começam a cantar e gradativamente vão caminhando em direção ao foco de luz. A luz abre em resistência. Ao mesmo tempo em que cantam as atrizes usam a expressão corporal. (a música é uma junção de sons que formam uma nova língua)

A atriz 1 dirige-se para o extremo do palco, a luz baixa em resistência e permanece o foco na atriz 1 que repete várias vezes a última frase da música com pequenos nuances sonoros. Surge novo foco no outro extremo do palco e baixa este.

CENA 2

MARY I (com uma peruca enorme, parecendo uma juba de leão com coroa, uma capa e uma taça na mão, meio bêbada)

É noite...faz frio...muito frio...

Eu aqui, no meu palácio, sozinha com a criadagem

Que ruídos oiço para cá? que ruídos oiço para lá? Será de novo o povo? O povo de novo? A me interpelar, a me pedir coerência? Uma rainha não precisa ser coerente. Só seus ministros precisam ser ... coerentes!

Eu, Mary I, nasci para amar e ser amada... Mas apareceu ninguém que me amasse. Sei que por aí, na cidade baixa, na baixa cidade há murmúrios mesquinhos, mesquinhos murmúrios, comentários vis, vis comentários, maledicências ignóbeis, ignóbeis maledicências ... sobre mim, mim sobre...

Dizem que sou a Rainha Boba, a Boba Rainha... Ah, que gente in-



grata, ingrata gente. De mim roubam tudo, tudo de mim roubam... Como fazer para governar? Governar fazer como para? Diante de tanta redundância, só me resta o prazer étílico que esta taça retém...

Vem a mim, ó vinho deleitoso, lavar as feridas que o trono encrava n'alma... E nada mais me resta, depois de tudo isto, que abdicar. Eu abduco, em nome do vinho, do prazer e do amor! Mary I vai saindo cambaleante, e a luz abre em resitência.

CENA 3

MILENA ABRIU SEU DIÁRIO

Como é que vai, tudo bem? Tô entrando, Heim? Já entrei! Não, não estou vendendo nada. Não sou a representante da Avon. Você não se lembra de mim? Pois você não mudou nada! Eu sou Milena, a ruivinha do Sacré-Cour! Nós somos muito amigas. Pelo menos fomos, no Ginásio. Você não se lembra? Vai lembrar já, já. Sabe porque eu vim aqui hoje?

É que hoje eu abri uma página do meu diário, e vi o seu nome lá. Por isso resolvi te procurar. Você ainda não se lembra, nem assim? Já sei o que é, eu tingi o cabelo... é claro... os anos passam pra todas. E afinal, não faz tanto tempo assim. 22 anos não é nada! Você ainda não se lembra? Diz que nunca me viu antes? Que eu sou uma perfeita estranha pra você? Que eu estou até invadindo a sua casa?! Que absurdo! Eu só vim aqui porque nós éramos muito, muito amigas.

Que bonitinho, é seu? Ah, é uma menina?

Que amor! Como larga a minha filha! Você acha que eu sou o quê? Uma ladra? Uma raptora? Pensa que eu sou doente? Doente está você. Olha a cara da sua filha, toda suja... Não faz mal, eu já entendi. Você não quer mesmo lembrar de mim. Tudo bem. Eu até já sei porque. Você é casada, tem uma filha, um marido, um lar. Eu sou uma moça solteira ainda não inspira confiança. Não faz mal, eu vou indo. Não quero mais perturbar o seu sossego! Adeus! Sabe o que eu vou fazer amanhã? Vou abrir mais uma página do meu diário!

CENA 4

QUANDO OS MONGAS ATACAM

A cena se dá num bar a meia luz onde uma mulher de aproximadamen



te 35 anos está sentada em uma das mesas do bar. A mulher é fina bem educada e arrumada, quando de repente chega um monga, trata-se de um rapaz de 38 anos residente em Camaquã e que se acha bonito e atraente.

MONGA - E aí boneca, sentada sozinha num bar tranquilão como esse?

A mulher não responde nada

MONGA - Bã não te acanha. Vamo bate um papinho, descontraí, trocar idêias né? Sabe comê? Eu sozinha, tu sozinha...

MULHER - Eu acho que o senhor está enganado, eu estou sozinha por momentos porque eu tô esperando uma pessoa.

MON - Bã eu também, que coincidência né? Mas na verdade eu tô aí e no fundo a gente tá sempre esperando né? Mas a senhora é bem da bonitinha né? Como é teu nome heim?

MUL - Eu não costumo falar com gente estranha. O senhor quer fazer o favor de se retirar?

MON - Bã mas tu não dá um espaço, heim minha flor? Desculpe se eu fui audacioso mas bem que tu podia me dá um espaço, e eu ia te mostrar esse mundo lindo, ia te levar pra Camaquã, ia te botar no meu bugue, a gente ia viajar pela interpraia e tudo.

MUL - O senhor está passando dos limites. Sabe com quem o senhor está falando? Anita de Souza da Costa e Silva.

MON - Agora tá melhorando Anita, eu sabia que a gente ia se entender. Dois chopps?

MUL - Não obrigado, estou bebendo um gim tônica.

MON - Sabe eu tenho uma oficina em Camaquã, tenho um fusca 83 e agora vou adquirir um Maverick 84. Tu vai aiajar no verão?

MUL - Talvez, de repente eu vou prá Punta del Este.

MON - Legal, eu tô a fim de comprar um Wind Surf. Sabe, porque eu acho que esses esportes todo mundo pode praticar, e eu acho que físico eu tenho e levo fé em mim.

MUL - Tu tens hora?

MON - Qualquer hora é hora pra amar.

Ele ataca ela e dá um beijo. No beijo a situação inverte, e ela fica monga e ele fica homem.

HOMEM - Não sei o que aconteceu? Estou um pouco atordoado.

MONGA - Oi! Pensando bem, tu é um tipão né?

HOM - Eu acho que ouve um equívoco.

MON - Ah, te para poxa vamo numa danceteria? Ou numa sorveteria? O homem tira a carteira de cigarros do bolso

HOM - Aceitas?



MON - Claro, de grátis né? Sabe que eu tive uma infância super bacana. Adoro pitanga, pitanga é demais, né? Tu curte pitanga?

HOM - Não na verdade eu estou um pouco apreensivo. Creio que vou embora.

MON - Ah te para. Tu um tipão desse. Fica aqui. Vamo se entender. A gente tem tanta emoção pra dar, e eu acho que a gente pode é só querer.

HOM - Bem eu tenho que ir, até logo.

MON - Até! Que ódio! Mas eu não vou deixar por menos.

Ela agarra ele e dá um beijo.

SHAZAN.

CENA 5

Logo após o segundo beijo as duas atrizes saem levitando da mesa como se pudessem voar. Transformam-se gradativamente em peixes no aquário. Dois peixinhos sobem, comem, respiram e batem no vidro do aquário.

CENA 6

INSTRUÇÕES PARA CHORAR

A partir de um relato intimista da atriz 1, a atriz 2 comovida diz:

Deixando de lado os motivos, atenhamo-nos à maneira correta de chorar, entendendo por isso um choro que não penetre no escândalo, que não insulte o sorriso com sua semelhança desajeitada e paralela. O choro médio e comum consiste numa contração geral do rosto e um som espasmódico acompanhado de lágrimas e muco, este no fim, pois o choro acaba no momento em que a gente se assoa energicamente.

Para chorar, dirija a imaginação a você mesmo, e se isto lhe for impossível por ter adquirido o hábito de acreditar no mundo exterior, pense num pato coberto de formigas e nesses golfos de estreito de Magalhães nos quais não entra ninguém, nunca.

Quando o choro chegar, você cobrirá o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com a palma para dentro. As crianças chorarão esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro, 3 minutos.

CENA 7

A luz está em black out e ouve-se em playback uma espécie de rá-



dio-novela onde uma mulher briga com Willy. Quando a luz acende a cena prossegue com a atriz dublando a voz do rádio.

CENA 8

FANTA MARIA E PANDORA

PANDORA - Você não é capaz de imaginar o que aconteceu comigo ontem à noite, Fanta!

FANTA - Me conte, me conte.

PAN - Sai da aula, no cursinho, com aquela minha aluna, a Selma - ela queria conversar comigo. Ela me levou num bar que eu não conhecia...

FAN - Que bar?

PAN - Bar da Terra, ali perto da USP. Chegou lá, sentou, e a noite inteirinha, Fanta, ela bebia e chorava, chorava e bebia, bebia e chorava, chorava e bebia!

FAN - Não comeu nada?

PAN - Um queijo quente, só. Mas foi assim: a noite toda, ela bebia chorava, chorava e bebia, bebia e chorava...

FAN - E o que ela bebia?

PAN - Uísque, vodka, conhaque, chopp, milk-shake, tudo...

FAN - Você bebeu também...

PAN - Tive que beber pra acompanhar o ritmo dela, que não era fácil.

FAN - O que você bebeu?

PAN - Dezoito cointreaux! Você sabe que eu só bebo cointreau. O pior é que eu saí de lá bêbada, completamente bêbada, levei um tombo na porta do Bar da Terra, a USP inteirinha estárindo de mim!

FAN - Pudera, pudera...

PAN - E sabe o que a Selma fez, quando eu caí?

FAN - Não

PAN - Gargalhava e bebia, bebia e gargalhava!

FAN - Impossível

PAN - Impossível

PAN - Todos receberam apostila?

FAN - Quem não recebeu, por favor, levante a mão... Agora eu gostaria de dizer duas, senão três coisas...

PAN - Diga logo três.

FAN - Sobre o material que vocês acabaram de receber. Algumas das



apostilas estão um pouco apagadas. Por favor, tentem ler aí mesmo. O material é totalmente nosso, o mimeógrafo é nosso, o papel é nosso, o stencil foi nosso, para desfruto vosso. A faculdade, se vocês não sabem, não dá mais dinheiro pra nada! O D. A. encampou todas as publicações, e o curso de teatro, pra variar, foi o mais prejudicado. Portanto, tentem ler aí mesmo! Aproveitem! Depois não quero ser apontada no corredor, como já sou... e não quero saber porque... Não me façam repetir mais isso! Pelo amor de Deus! Porque logo na primeira aula eu me desgasto, fico que nem uma louca, acabo o ano doida, internada numa clínica, fazendo sonoterapia... eu não aguento, eu não aguento!

PAN - Sabe qual é o seu mal, Fanta? Você já começa o semestre arrasada, em petição de miséria!

FAN - Pudera, Não me recuperei do outro!

PAN - Três meses de férias não bastam?

FAN - Não! Eu quero um ano, dois anos, três anos, eu quero a aposentadoria!

PAN - Muito bem! Só mais um aviso antes de começar a aula. Infelizmente pra vocês, eu hoje estou de péssimo humor, tá claro? O que significa isto? Significa que eu não vou tolerar quê-quê-quê nem zum-zum-zum aqui dentro, tá claro?

FAN - Mesmo porque, isso aqui não é escola de samba pra ter quê-quê- quê e zum-zum-zum!

PAN - Muito bem, vamos à aula. O tema de nossa palestra de hoje é - acompanhem pela apostila...

FAN - A apostila tá aí pra isso...

PAN - Muito bem, o tema é. "A importância dos monossílabos e das interjeições átonas do -ialeto javenês, na literatura dramática da Ilha de Java, durante os últimos quinze dias do séc.XII antes de Cristo". É um pouco específico, mas é importantíssimo. Conheço mesmo gente que vai defender tese em cima disso.

FAN - Eu mesma tenho uma orientada interessantíssima!

PAN - Laurita Bopp, tenho certeza!

FAN - Como é que você adivinhou?

PAN - Ela é insuportável.

FAN - Pois é. A gente viaja, coleta o material, chega aqui, o pessoal quer abandonar tudo! Eu vos pergunto: quem vai pra Java hoje em dia? Ninguém. Comigo não! Esse curso aqui é um funil, cuja boca é estreita assim, ó!

PAN - Muito bem, já chega! Logo de cara, na apostila, vocês vão encontrar a descrição, ou melhor, a apresentação dos dois fonemas



básicos que foram a alma de toda a literatura javanesa naquele "fin de siècle".

FAN - Aonde?

PAN - No fim do século. Eu digo básicos por força de expressão, já que todos nós sabemos que os conceitos linguísticos estão em eterna e franca revolução!

FAN - Graças a Deus, porque revolução é vida! Já dizia Spencer Tracy... Spencer Rogers, eu confundi. É que hoje à tarde eu passei vendo uns filmes na televisão e vi um lindo com Spencer Tracy e a Katharine Hepburn... O que é isso? Parece um rádio ligado!

PAN - E você parece uma televisão ligada na sessão da tarde!

FAN - Muda de canal!

PAN - Click! Muito bem, continuando... Esses dois fonemas básicos a que já me referi são: o primeiro, nitidamente um bi-lateral sonoro - hã - o 29, claramente um lábio-dental surdo - hã. Captaram? Sobre esses dois fonemas, hã bi-labial sonoro e hã lábio-dental surdo, fez-se uma única obra de teatro em Java naqueles gloriosos últimos quinze dias, obra essa sobre a qual a minha amiga aqui vai discorrer a seguir, se ela conseguir...

FAN - Sobre essa dicotomia linguística, nasce uma das mais importantes obras de toda a literatura javanesa. O enredo é muito simples e eu vou narra-lo brevemente pra vocês. É basicamente o encontro de um casal, uma moça e um rapaz, dentro de um templo em Java. Ele, especificamente do lado de dentro, ela não especificamente do lado de fora. Ela ao ver passar uma lagarta daquelas verde e rosa por ali, exclama... hã! Ele lá dentro, ao ouvir aquela interjeição, também responde... hã. Aí está o centro da narrativa o nó da intriga. O colorido que daí nasce é belíssimo, e eu jamais...

FAN - Você sentiu?

PAN - Senti.

FAN - Veio de lá, passou por aqui, me pegou... TE pegou também?

PAN - Pegou.

FAN - Vocês sentiram?

PAN - Mas como eu ia dizendo, em linguística é fundamental o exercício, tá claro?

FAN - O exercício fundamenta o uso da língua. Usando a língua vocês estarão cada vez mais capacitados a usá-la.

PAN - Esqueçam. Como eu ia dizendo, em linguística é fundamental o exercício, a emissão dos fonemas, tá claro? Vocês sabem o que é emitir fonemas? É pré-requisito.



FAN - Alguém fez o curso da Livia aqui? Ela ensina como emitir fonemas, ela mostra quantos órgãos vocês usam pra falar...

PAN - Muito bem. Faremos um exercício com vocês, utilizando os dois fonemas que nós conhecemos hoje. O hã bi-labial sonoro e o hã lábio-dental surdo. Para tanto farei um corte epistemológico aqui, dividindo a classe em duas metades. A turma da direita vai dizer o fonema bi-labial sonoro hã, e a turma da esquerda, o fonema lábio-dental surdo hã, tá claro? Mas todos juntos. Porque se não eu vou aí. Muito bem, agora gostaria de saber uma coisa. Eu estou correndo muito com a matéria? Dá pra acompanhar? Alguém perdeu alguma coisa?

FAN - Um livro, um caderno...

PAN - Da matéria! Muito bem, Já que é assim, pasaremos agora para uma parte mais amena do curso, que é a projeção de slides que nós trouxemos lá de Java, graças ao empenho, ao auxílio e à inestimável colaboração do Dr. Schneider...

FAN - De óculos e bigode...

PAN - ... nosso mentor espiritual e intelectual, e de Sula Brahm
FAN - Sem óculos e sem bigode...

PAN - ... titular da cadeira de literatura dramática da faculdade .. Pra mim, muito mais que uma mentora espiritual e intelectual. .. até mesmo física... Muito bem, apaguem o auditório. O 19 slide mostra o aeroporto de Java, com nós duas descendo do avião...

FAN - O que é aquilo que eu tenho na mão?

PAN - A sacolinha do Free Shop do aeroporto, lembra?

FAN - É mesmo, onde eu comprei aquele licor de piqui...

PAN - Outro slide! Aí está a fauna de Java... Lá é tudo assim, esplendoroso, digno da região. Outro!

FAN - A flora de Java. Uma das plantas mais bonitas que eu já vi. E olha que eu já percorri jardins botânicos do mundo inteiro. Mas o importante dessa planta não é a sua beleza, mas a textura de sua pétala. Inacreditável. Apanhado uma dessas pétalas em sua mão e esfarelado-a vagarosamente, resulta um pó, branco e fino que, aspirando...

PAN - Outro slide! Esse novo slide mostra o pitecatropus erectus o homem de Java em sua plenitude, em sua pujança, em sua força, vestindo seus trajes típicos tão peculiares...

FAN - Esse aí é meu tio Zito! As crianças foram lá em casa ontem acho que mi... rou!

PAN - Outro... por favor. Muito bem, aí está o Coliseu de Ja-



PAN - Outro slide! Aí está talvez o slide mais importante, aquele que mostra a inscrição mesolítica de toda a literatura javanesa daquele século. Um documento precioso, gente, ninguém tem isso.

FAN - Nem a USP, gente. A inscrição está aqui, neste cantinho. Quem tiver uma lupa, um dia vai enxergar alguma coisa, porque eu não consegui.

PAN - Outro slide! Ah, olha aí o nosso querido, o nosso estimado o nosso prestativo Dr. Schneider, em seu habitat natural, atrás da lhama. Ele é um homem muito tímido, mas uma criatura boníssima. Imaginem toda uma filosofia de vida voltada para a natureza, para o despojamento...

FAN - Sempre pelado, pra lá e pra cá. Comendo cada manga... Uma beleza!

PAN - Muito bem, acabou a aula. Que bom não?

FAN - Quem falou que bom?

PAN - Eu falei. Eu queria dizer que apesar de tudo nós conseguimos jogar alguma coisa aqui pra vocês pensarem em cima. E eu estou à disposição de todaos, pra qualquer consulta, na sala de línguas, no prédio novo.

FAN - Eu estou lá em casa mesmo, porque raramente venho à faculdade. Só venho quando sou convocada e como nunca sou convocada, nunca venho. Meu endereço é Rua Cardeal Arcoverde, 1012...

PAN - Fundos!

FAN - Não precisava dizer!

PAN - Ah. não! E quanta coisa você disse hoje que também não precisava dizer?

As duas saem discutindo em voz alta.